

**Síntese:** Depois de breve alusão à fundação da freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres, pelo paulista Correia Pinto, em 1767, o autor descreve as circunstâncias da fundação da diocese de Lages em 1927. Na oportunidade, a diocese estendia-se por mais de metade do território catarinense: de Bom Jardim da Serra até a divisa com a Argentina. O extremo Oeste, gravitando em torno de Chapecó, passou para a Prelazia de Palmas em 1943 e tornou-se diocese autônoma em 1958. Os preparativos para a criação da diocese de Lages começaram em 1925, constituindo-se antes de tudo a Comissão encarregada de levantar o patrimônio necessário. Criada a diocese em 1927, o primeiro Bispo, Dom Daniel Hostin foi nomeado e tomou posse apenas em 1929. Após breve estatística da situação religiosa na época, é descrita com detalhes a primeira Visita Pastoral do novo Bispo à imensa diocese. Ao longo do artigo, o autor comenta a profunda religiosidade do povo da região serrana.

**Abstract:** A brief quotation from Correia Pinto, a writer from St. Paulo alluding to the foundation of the parish of Our Lady of Delight, in 1767, the author describes the circumstances of the foundation of the diocese of Lages in 1927. At that time, the diocese extended over more than half of the territory of Santa Catarina, including Bom Jardim da Serra as far as the frontier of Argentina. The far West centering on Chapecó and surroundings up to the area of the Prelacy of Palmas in 1943, which was raised the status of an autonomous diocese in 1958. The preparatory steps leading to the creation of the diocese of Lages began in 1925 when the registrar's office started to collect the titles of ownership of properties belonging to the future diocese. After the creation of the diocese in 1927, its first bishop was Daniel Hostin who took over the diocese as late as 1929 due to some unforeseen factors, which caused a delay in his installation. The author makes a detailed account of the religious situation of the various groups of people of the mountainous region of the diocese.

## A Igreja no Planalto Catarinense

Andréas Wiggers\*

---

\* O Autor é presbítero da diocese de Lages, Monsenhor.....



## Um pouco da história inicial

A história religiosa no sul do Brasil teve passos bonitos de desenvolvimento, numa caminhada com o povo migrante e nativo. Primitivamente o Estado de Santa Catarina pertenceu à única e primeira diocese de do Brasil, com sede na cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos, em 1550. À medida das necessidades, outras dioceses foram criadas. Aos 19 de março de 1908, foi criada a Diocese de Florianópolis, abrangendo todo o Estado de Santa Catarina.

Os anos passaram. Aos 17 de janeiro de 1927, pela Bula “Inter Paecipuas”, Pio XI decreta o desmembramento de Joinville e Lages, enquanto Florianópolis constituía-se em Arcebispado. Assim surgiu a nova Província Eclesiástica de Santa Catarina.

Os alicerces religiosos estavam presentes no Planalto Catarinense desde a fundação de Lages, pelo paulista Correia Pinto, que trouxe Nossa Senhora dos Prazeres, hoje, padroeira da Paróquia, do Município e da Diocese. A imagem mariana está presente desde os primórdios até hoje, marcando a história com esta denominação. À luz da fé se perpetua a sua sombra protetora no Planalto Catarinense: Ela é “a nossa companheira de caminhada”.

## A realidade pastoral anterior

Na história religiosa de Lages não podemos esquecer, até outubro de 1891, a presença de 26 párocos na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres. Naquele mesmo ano, a partir de novembro, mandados por Dom José de Camargo Barros, começam a atuar os Padres Franciscanos. Primeiro, Frei Armando Bahlmann, mais tarde eleito Bispo de Santarém, no Estado do Pará. Depois, Frei Rogério Neuhaus e Frei Herculado Limpel. A partir de dezembro, passaram a atender, além de Lages, também Campos Novos, São Joaquim e Curitiba. Em agosto de 1901, um grupo de três Irmãs da Divina Providência: Irmã Geórgia, Irmã Geralda e Irmã Bevenuta, levando oito dias de Florianópolis a Lages a cavalo, aqui chegaram para se dedicarem à educação. Os Franciscanos e as Religiosas, em pequeno número, marcaram presença histórica, antes e depois da criação da Diocese de Lages, juntamente com seu primeiro bispo franciscano.



A Diocese de Lages foi criada em 1927, mas a nomeação do Bispo demorou até agosto de 1929. O bispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, agora Arcebispo, exerceu a função de Administrador Apostólico. Não se sabe o porquê da demora. Dom Daniel dizia que o processo fora perdido. Enfim, depois da longa espera, em 29 de setembro de 1929 era ordenado bispo Dom Daniel Henrique Hostin ofm, franciscano nascido em Gaspar. A ordenação, na época “sagração”, foi em Blumenau. Dom Daniel chegou aqui aos 18 de outubro, depois duma viagem penosa de oito dias com chuva, enchentes e calçado de botas compradas no caminho, de Florianópolis a Lages. Foi festivamente recebido no então pequeno vilarejo, transformado em sede episcopal com um vasto território, que ia desde Bom Jardim da Serra até a divisa com a Argentina.

Na área toda, eram citadas apenas seis paróquias: Lages, São Joaquim, Canoinhas, Porto União, Campos Novos e Curitiba. Interessante notar que fora esquecida a paróquia de Itapiranga, criada em 1926, no extremo oeste, na divisa com a Argentina. Durante os primeiros dez anos, Dom Daniel criou dez paróquias. Em toda a sua vida, Dom Daniel Hostin, grande pregador e comunicador fácil, teve uma atuação missionária marcante. Inicialmente fez várias visitas pastorais, dias e dias de viagem pelo interior, a partir de Campo Belo do Sul, a primeira região visitada pelo novo bispo. Aqui tinha a colaboração de um padre diocesano, seis religiosos franciscanos e poucas religiosas. Esta era a presença da Igreja em 58.587 kms<sup>2</sup>. Para ir ao meio oeste, era mais fácil dirigir-se a Blumenau e, depois, de trem ao Vale do Rio do Peixe.

A realidade humana compreendia imigração alemã, italiana, polonesa e os de origem portuguesa. Grande parte afeita à agricultura familiar e à criação de gado para sustentação própria. As plantações eram feitas à beira dos rios, na vargem, onde as terras eram mais férteis, pois não havia a técnica de hoje. Grande parte plantava nas colônias, mas dependia da força animal para o cultivo e transporte.

Temos que notar o aspecto religioso. Há pouco acontecera o Concílio Plenário Brasileiro, portanto, uma organização forte centrada na Igreja romana, privilegiando a sacramentalização, em região missionária. Este era o caminho. De outro lado, a igreja cabocla, com suas devoções populares, promessas e devoções herdadas dos antepassados. As crenças populares de João Maria eram fortes e conservavam a fé do povo simples e nativo. Esta era a característica religiosa da época.



O elemento humano clerical era insuficiente para todo o atendimento. Havia capelas, sim, onde dominicalmente se fazia o culto, a reza do terço, leitura do evangelho, assim atendendo e aprofundando a sede religiosa. Aliás, os próprios pais ou pessoas da comunidade davam a catequese inicial, principalmente, nas comunidades de migração. Era uma terra de missão. Dom Daniel e todos os padres eram exemplo disto. O Bispo Diocesano, satisfazendo a necessidade de escolas, até 1931, construiu o Colégio Diocesano, hoje, Bom Jesus. As Irmãs da Divina Providência, que regiam o Coleginho São José, também dedicaram-se à educação e à saúde. Esta presença histórica deu efeitos concretos de melhora do ensino no Planalto Catarinense, na época.

### A criação da Diocese de Lages

Com a criação da diocese, entre muitas dificuldades de distâncias, meios precários, a crise econômica de 1929 e, a seguir, o golpe de Getúlio Vargas, mesmo assim, houve avanços extraordinários. É claro, os tempos eram outros, mas a dinamicidade apostólica era heróica, e a fome do povo em aprender era notável. Foi um heroísmo constante em todos os recantos da nova diocese, que iniciava o seu caminho próprio dentro da realidade do Planalto Catarinense. Dom Daniel, com sua popularidade, manteve esta marca. Sua história, após 44 anos e meio de presença aqui, ainda está viva na memória do povo. Um ponto lamentável foi a dizimação da presença indígena, antes expressiva no planalto.

Quanto ao oeste catarinense, seu desenvolvimento inicia com a colonização gaúcha. A primeira colonização organizada foi a de Itapiranga, com colonos do Rio Grande do Sul. A partir de 1912, a construção da Ferrovia da Central do Brasil, partiu o Estado de Santa Catarina em dois. Marca-se aí a presença do Contestado, a expulsão dos moradores de ambos os lados da ferrovia numa extensão enorme nessas áreas. Aí a grande crise religiosa e luta armada a partir de Curitiba, Lebon Régis, Caçador, Canoinhas, o grande centro da madeira com implementos moderníssimos dos ingleses, deixando o povo à margem da vida. Ainda a grande luta dos limites geográficos em Porto União, ao longo do Rio Iguaçu. A divisa do Estado de Santa Catarina foi motivo de lutas e sofrimentos do povo. Não faltou, porém, a presença religiosa dos franciscanos em tempos tão conturbados.

A partir de certo momento vêm as colonizações de migração chefiada por empresas próprias. Era a migração católica e a luterana



vinda do Rio Grande do Sul. As colônias eram distribuídas por culto religioso, cada uma na sua área própria. Isto ainda se via em 1971 em Piritiba e Piratuba, onde trabalhei então no Instituto Coração de Maria, Pré-Seminário. As marcas de convivência fraterna permanecem até hoje. Os católicos e os protestantes em áreas diferentes. Nessa época aparece a presença religiosa com congregações religiosas masculinas e femininas ao longo da ferrovia, principalmente os salvatorianos em Videira, os franciscanos em Joaçaba, os camilianos em Iomerê. Eles foram presença na educação e na pastoral.

A partir de 1943, com a criação da Prelazia de Palmas, o Município todo de Chapecó, que abrangia o Oeste Catarinense, foi atendido pelo Prelado de Palmas e os Padres Franciscanos. Isso aconteceu até a criação da Diocese de Chapecó, em 1958, que recebeu seu primeiro bispo na pessoa de Dom José Thurler, vindo da Sé Catedral de São Paulo. Havia muitas vocações nos cursos de Filosofia e Teologia do Clero Diocesano, preparados nos Seminários Diocesanos de Lages e de Palmas.

A realidade pastoral continuou profundamente missionária, locomoção difícil, distâncias enormes e falta de pessoas para a evangelização, mas o Reino ia acontecendo.

## A nomeação da Comissão

O processo começou em 1925, quando Dom Joaquim Domingues de Oliveira, motivado pelas necessidades do tamanho do território, bem como por insistência da Santa Sé, iniciava os primeiros passos. De longa data vinha a idéia de desmembrar Florianópolis em duas novas dioceses: Joinville e Lages, A única Diocese de Florianópolis, sufragânea de Curitiba, passaria a ser Arquidiocese o que, de fato se realizou aos 17 de janeiro de 1927.

Os primeiros trâmites de organização da nova diocese lageana, em termos mais concretos, começam em 1925. Nesse ano, fez-se um esforço especial de atender às exigências da Santa Sé para a criação da nova diocese. O primeiro passo, por parte de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis e de Frei Marcello Baumeister OFM, Vigário da Paróquia de Lages, foi nomear a Comissão Preparatória. Ela teria uma função específica: adquirir a nova residência episcopal e o terreno para a construção do futuro Seminário Diocesano. E, certamente, e não em último lugar, conscientizar a cidade de Lages e todo o território



a ser atingido pela nova diocese, alimentando a grande idéia e aspiração que afinal, em 1927, se concretizou definitivamente.

O primeiro passo foi um telegrama de Florianópolis, no dia 18 de abril de 1925, dirigido ao Frei Marcello, em Lages. “Queira enviar-me urgente nomes comissão aquisição palácio episcopal terreno Seminário diocese lageana. Bispo”.

As dificuldades, insuperáveis à primeira vista, foram colocadas de lado. Aos 22 de abril de 1925, segue um telegrama ao Bispo Diocesano.

*“Cumprimentos os mais respeitosos. Acuso telegrama de V. Excia. Revma a respeito dos negócios da projetada Diocese Lageana. Quanto à escolha dos membros da comissão, comunico-vos que é uma tarefa difficilima, senão impossível, em vista da situação política em completa desarmonia. Sem colaboração amigável dos dois partidos – Ramos e Costa – jamais se realizarão os projetos da Diocese. A meu ver, o Exmo. Sr. Senador Vidal Ramos devia de ser o Presidente da Comissão e o Major Octacílio Vieira da Costa o Vice-Presidente, sendo os demais membros de ambos os partidos. Mas deliberando com o Sr. Senador, vi as grandes dificuldades duma união de vistas. O Sr. Senador prometeu-me de ele mesmo entender-se com V. Excia., explicando-vos a minha situação.*

*No mais, julgo de minha obrigação aguardar novas ordens V. Excia., declarando-me pronto a fazer todo o possível para corresponder às vossas ordens. A aquisição do terreno para o palácio e o seminário não oferece grandes dificuldades. Esperando a vossa resposta “ad hoc” e beijando devotamente o Anel de V. Excia., sou com a mais subida estima e consideração”.*

As correspondências seguiram em ritmo lento, mas constante.

*“Confirmando seu telegrama de 18 do corrente, expedido em nome de V. Excia., o Sr. Bispo, venho por esta, devidamente autorizado, informar que a nova diocese de que se trata, abrangerá os municípios de São Joaquim, Lages Curitybanos, Campos Novos, Cruzeiro e Chapecó, com os respectivos limites, e sede nesta cidade*

*A Comissão, a que se refere o telegrama, terá por fim a aquisição do Paço Episcopal e de um Terreno para a construção do futuro Seminário, podendo, se formada de pessoas influentes, dentre elas alguns deputados, influir na próxima legislatura do Congresso para a dotação do patrimônio, constante de 100 (cem) apólices estaduais.*



*Para seu governo, comunico que a criação da diocese de Lages é da vontade expressa do Senhor Bispo e, o que é ainda mais, do Senhor Núncio Apostólico, e, portanto, da Santa Sé. De certo, Lages não quer desmerecer dessa alta e nobre distinção. Peço, pois, a máxima urgência neste assunto. A diocese deverá ser criada ainda este ano, e será de imensa vantagem social e religiosa para toda essa zona. A seu inteiro dispor, permaneço”.*

A carta pode ser da autoria do secretário de Dom Joaquim ou, quem sabe, do próprio Mons. Topp.

A família Ramos pertencia ao Partido Liberal e os Costa ao Republicano. Eram os partidos da época. Percebe-se perfeitamente a mentalidade reinante.

As correspondências continuam.

*“Recebi há pouco a sua carta, e hoje mesmo respondo, apesar das grandes ocupações destes dias. Confirmando a de 24 de abril pp., devo esclarecer que a Comissão de que se trata poderá ocupar-se, exclusivamente, de duas condições, aliás muito fáceis: a) aquisição do Palácio Episcopal. b) A aquisição do terreno para o futuro Seminário. O patrimônio, penso obtê-lo no Congresso. Atento à resolução do nosso Amigo Senhor Coronel Vidal Ramos, peço que V. Revma., porque não pode prescindir dos homens públicos, deverá recorrer à política, e não omitir os nomes do Sr. Superintendente deputado Caetano Costa, e do Sr. Oscar de Brito, que podia ser o Tesoureiro, naturalmente sob a presidência honorária do Vigário. Mande-me, pois, a lista dos nomes, nesse sentido, para que a provisão siga imediatamente”.*

As correspondências seguem com outra data, de 25 de maio de 1925.

*“Tivemos a ocasião de ler a carta, que V. Excia. Reverendíssima dirigiu ao venerando Padre Frei Marcello, Vigário da paróquia, e na qual teve a generosidade de citar os nossos nomes para membros da Comissão do Bispado de Lages. Hoje combinamos os nomes para a Comissão e estamos preparando o espírito público para o novo advento. Entretanto, preliminarmente pedimos vênica para ponderar a V. Excia. que o novo Bispado, com os limites estabelecidos naquela carta, fica com exíguos recursos para manter-se, visto que a zona do Cruzeiro (Joaçaba) e Chapecó é ainda mal povoada e dali poucos recursos devemos esperar. Alargar aqueles limites, incluindo Porto União, Ouro Verde e Bom Retiro (Luzerna) seria um ato de feliz providência”*



Enfim, segue a correspondência de 21 de maio de 1925.

*“Depois de muitas dificuldades, tenho finalmente a satisfação de poder enviar a V. Excia. Revma. a lista dos nomes da Comissão que tem de ocupar-se da aquisição do Palácio Episcopal e do terreno para o futuro Seminário da Diocese Lageana. A Comissão saiu tão numerosa devido às circunstâncias locais, mas acho conveniente que V. Excia. não exclua ninguém da lista que vai junto. Era meu intento indicar a V. Excia. as pessoas mais hábeis para os diversos cargos da Comissão. Mas achei dificuldades nisso, pois, constituída uma vez legitimamente a Comissão por V. Excia., os seus membros convocarão uma assembléia geral da Comissão para tratarem de outros respectivos assuntos. Quanto ao vosso telegrama de ante-ontem, aconselhando a nomeação de Senhoras, não teve aceitação favorável entre as pessoas de mais representação em Lages.*

*Para me desempenhar de vossa ordem de visitar em vosso nome o Sr. Coronel Caetano Costa e família, fiz ontem uma viagem de propósito à fazenda dele, e toda a família envia a V. Excia., por mim, os mais sinceros agradecimentos.*

*E não sabendo quando V. Excia. partirá para a Europa, todas as Associações Religiosas, os fiéis da Paróquia, as Irmãs e todos os habitantes deste modesto Convento desde já despedem-se saudosos de V. Excia. Almejando-vos boa viagem, bons resultados em favor da vossa querida Diocese e feliz e breve regresso ao vosso submisso rebanho. Beijando devotamente o Vosso Anel e pedindo a V. Bênção Paternal em favor de todos, sou, com os protestos de mais alta estima e consideração. Frei Marcello Baumeister OFM”.*

Aqui segue a nomeação oficial da Comissão, então organizada.

*“Aos que a presente Provisão virem, saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo. Fazendo saber que, competentemente autorizados pela Exma. Nunciatura Apostólica, havemos por bem aprovar, como pela presente provisão aprovamos, uma COMISSÃO composta dos Exmos. Senhores: Revmo. Frei Marcello Baumeister, OFM., Cel. Octacílio Costa, Coronel Caetano Costa (seguem os nomes da lista anterior e no fim da lista continua o documento), a qual se poderá ramificar em várias subcomissões, elegerá a Diretoria, e terá por fim a constituição do patrimônio da futura DIOCESE DE LAGES, sobretudo a aquisição da residência episcopal e o terreno destinado à construção do Seminário episcopal.*

*Dada e passada em Florianópolis, sob Nosso Signo e Selo das nossas armas, aos 25 de maio de 1925”.*





## Situação Religiosa no início da Diocese de Lages

População Católica – 185.325; Paróquias – 7; Igrejas de alvenaria – 7; Comunhões havidas – 76.574; Clero Diocesano – 1; Seminaristas – 0; Clero Regular – 16; Ordens de Congregações – masculinas 1; Femininas – 1; Seminários diocesanos e regulares – 0; Associações religiosas (membros) – 1.393; Ginásios católicos – 0; Escolas Normais Católicas – 1; Escolas Primárias Católicas Masculinas – 1; Femininas – 1; Escolas Estaduais ou Municipais sob a direção de Religiosas – 0; Hospitais, Asilos, Casa de Saúde – 2.

Hoje, se olhamos as Dioceses de Lages, (1927), Chapecó, (1958) Caçador (1968), Joaçaba (1975), criadas em ordem decrescente, comparando os dados acima, vemos a caminhada que a Igreja do Planalto e do Oeste catarinense fez nestes 80 anos, desde a criação da primeira, Lages, até hoje. O Reino de Deus vem acontecendo, principalmente através dos leigos e leigas desde então nas Capelas e pequenas comunidades, entre as quais algumas Cebts. Estão aí. O jeito foi diferente, mas a Palavra de Deus foi semeada e testemunhada através das Associações Religiosas de então e, hoje, vistas com olhos diferentes na V Conferência da América Latina e do Caribe. Foram os discípulos e discípulas missionários de ontem, hoje vistos com outro rosto porque as pessoas mais simples testemunharam Jesus Cristo através do seu jeito, mas, evangelizaram.

### A Carta Pastoral de Dom Daniel H. Hostin

O novo bispo, Dom Daniel H. Hostin, dirigiu como saudação, a seus diocesanos, uma Carta pastoral aos sacerdotes e fiéis da nova diocese. Foi em 1929, por ocasião de sua posse.

Dom Daniel fala de sua vocação para a Ordem Franciscana, anelada desde a mais tenra infância e em que se sentia sempre tão feliz. Mas, como filho fiel da Igreja, seguiu o chamamento do Santo Padre para agora, como bispo, exercer um novo ofício sublime, mas pesado e cheio de responsabilidade. Depois dirige os olhos dos fiéis a Roma, onde naquele ano o Santo Padre estava festejando o seu jubileu, efeméride a ser dignamente festejada também em todas as igrejas da diocese. Em seguida aponta a falta de sacerdotes no Brasil, do trabalho abençoado de sacerdotes e religiosas estrangeiros, especialmente dos franciscanos, e fala da necessidade de formação de um clero competente. Depois de uma homenagem ao Santo Padre, ao Núncio apostólico, ao Arcebispo e outros



dignitários eclesiásticos, termina a Carta Pastoral com uma saudação aos sacerdotes e congregações religiosas da nova diocese, ao presidente do Estado e demais autoridades civis, à imprensa e às famílias.

## A primeira viagem do novo bispo pelo Município de Lages

Este relato nos mostra a situação econômica, geográfica e social da então população da nova Diocese de Lages nos anos de 1929 em diante. A falta de escolas. Tudo se encaminhava para São Leopoldo, onde a juventude de Lages ia para o Colégio dos Jesuítas como internos durante o ano todo. Aqui as escolas eram poucas, as distâncias, enormes. O Colégio de São Ludgero. Eram dias de viagem a cavalo. Os alunos ficavam internos e os que não podiam pagar custeavam seus estudos pelo trabalho que faziam no Colégio para se sustentarem. Quase todos, filhos de colonos remediados. Famílias grandes. Recursos poucos.

A descrição da Primeira Visita Pastoral nos dá uma visão dessa realidade campesina de Lages. A Crônica nos mostra como era:

*“A renovação religiosa de toda Lages é uma eminente obra missionária franciscana. As messes espirituais que agora estão, tão magnificamente, brotando, tornaram-se produtivas pelos esforços de nossos padres durante muitos anos. De certo é de interesse para todos saber alguma coisa sobre a primeira viagem do nosso bispo ao município.*

*Na viagem de Cruzeiro (Joaçaba) a Campos Novos, o Senhor Bispo já ia conhecendo uma parte da zona colonial. Com verdadeira admiração conheceu os caboclos na viagem pelo nosso interior. O termo dessa viagem foram os distritos de Capão alto, Campo Belo do Sul, Cerro Negro, Colônia Santo Antônio no Município de Campos Novos e São José do Cerrito. O caminho penoso podia ser feito em parte com o automóvel. Tudo estava pronto para a viagem.*

*No dia 6 de março de tarde, viajou o Senhor Bispo, acompanhado por mim e o Irmão Frei Sebastião da Silva Neiva para a Capela mais próxima de Capão Alto. Simples mas cordial a recepção. Acompanhado de uma cavalaria imponente, que vinha de longe ao nosso encontro, entramos na aldeia. O senhor professor, cumprimentou S. Excia.*



*A Capela de Capão alto foi construída em 1894 por Frei Rogério Neuhaus OFM. O povo de Capão Alto é bem católico e unido. O Senhor Bispo estava bem contente com o fervor do povo. A denominada vila de Campo Belo era no tempo do Império conhecida como Villa dos Baguais. Antigamente era aqui a parada dos tropeiros riograndenses.*

*A capela de hoje foi construída por Frei Cândido. A recepção do Senhor Bispo em Campo Belo foi prejudicada pela chuva. Mas tudo brilhava em festa. A comissão mandou vir a banda musical de Lages. A capela encheu-se durante a missa até o último lugar. Houve 137 confissões e muitos casamentos. Nós fomos hospedados pelo senhor Edmundo Menezes, que recebeu a comitiva muito cordialmente.*

*No dia 10 de março partimos para Anita Garibaldi, colônia italiana. Afastada de Campo Belo do sul cinco léguas, devíamos sair do auto e fazer mais quatro léguas a cavalo. Em Anita Garibaldi houve, outra vez, muito trabalho: 357 confissões, 438 crismas e muitos batizados e casamentos.*

*De Anita Garibaldi, atravessando o Canoas, chegamos à Colônia de Santo Antônio no Município de Campos Novos. Num dia houve aí 320 confissões, 493 crismas, 46 batizados e 10 casamentos. Nos outros dias o padre podia almoçar às 3,30 horas, mas hoje, ficou ocupado até as 9 horas da noite.*

*Depois voltamos ao Município de Lages. Em Monte Alegre o Senhor Bispo teve a alegria de entrar numa choupana de caboclos, limpeza só em nossa imaginação; mas nos sentimos contentes, porque o caboclo nos ofereceu alegremente o melhor que possuía.*

*A Capela mais próxima achava-se no Distrito de São José do Cerrito. Bem no alto, numa montanha, está a Capela do Coração de Jesus, quase inacessível para pernas idosas, fracas. A região chamava-se outrora Ermida, proveniente duma ermida que o profeta São João Maria tinha lá erigido. Foram visitadas ainda as capelas de São João, Socorro, Bom Jesus e São José. Em todo lugar, um povo bom e zeloso. Parece que temos em São José do Cerrito os melhores católicos da paróquia”.*

Percebe-se uma realidade de pobreza, mas, em toda parte muita fé e religiosidade. É uma religiosidade cabocla, impregnada profundamente no povo de nossa região do Planalto Catarinense. Outra realidade nos



mostra o Padre Ernesto Schulz em São Joaquim. Há diferenças muito grandes de uma região para outra. Padre Ernesto era alemão de origem. Bom gaiteiro. Atraía com este instrumento o povo. Ficava vários dias numa capela e ali fazia a formação, a administração dos sacramentos e as celebrações litúrgicas. A sua presença é lembrada ainda hoje pelo povo de São Joaquim.

Vamos a outra Crônica, onde se fala do Padre Ernesto, Vigário de São Joaquim da Serra. Era assim que se chamava a vila e o município. Esta Crônica é dele.

## Sucessos apostólicos

*“No dia 14 de abril tive eu a alegria de acompanhar o Senhor Bispo Dom Daniel pela minha grande paróquia. Junto dele estavam dois sacerdotes Franciscanos: Frei Felisberto Imhorst e Frei Irineu Brinckmann de Lages. A primeira visita foi a Bom Jardim da Serra. No princípio, duas horas de ônibus. Depois, a cavalo. Para o Sr. Bispo escolheram uma mula especial, própria para tais viagens. Dos ombros, até o grande chapéu de fazendeiro, Dom Daniel sobressaiu a todos. Ele não era só o mais alto na dignidade como também na estatura. O tempo não podia ser mais bonito e, em consequência, a nossa disposição excelente, apesar de todas as fadigas. Sempre de novo o Bispo, em profundo silêncio, admirava a largueza de nossos campos e estava entusiasmado com a amplidão de nossos pinheirais verde-escuros. Ele tomou das fontes límpidas e conversava alegremente com todos. Depois de caminhar sete horas, ouvimos os sons do grande sino de Bom Jardim da Serra.*

*Uma grande fogueira devia anunciar a nossa chegada. Mal tínhamos subido o último outeiro, fomos saudados por um por um interessante grupo de cavaleiros de trinta meninos de oito a doze anos. Todos estavam de branco com bandeirinhas nas mãos. Imponentes e radiantes de alegria estavam sentados os valentes garotos nos cavalos bem tratados. Alegria pura brilhava nos olhos deles. Era um espetáculo de alegria que deleitou olhos e coração. Um valente menino de 10 a 11 anos fez o primeiro discurso cumprimentando a comitiva. Depois, aproximou-se a grande cavalaria de mais ou menos 300 homens. Em homenagem ao Bispo fizeram circunvoluções magníficas com os cavalos à semelhança de redemoinhos em dias tempestuosos. Depois tomaram posição de marcha. Eu bradei o primeiro viva a S. Excia. E, em coro vibrante, responderam os cavaleiros. Depois entramos escoltados pelos trezentos cavaleiros, entre os sons da música e o júbilo imenso do bom povo da localidade.*



*Com grande alegria o povo rodeava o seu Bispo, que cativou, pela amabilidade, todos os corações. Dois dias ficamos aí e parece que nenhum dos habitantes perdeu a ocasião de receber os santos sacramentos. Impressão profunda causou a solenidade da primeira comunhão de bom número de crianças, levadas pelo seu excelente professor Telantim. Cada vez que Dom Daniel ia à igreja ou de lá voltava, acompanhavam-no as crianças com alegria. Pedi-lhe que recebesse todos os presentes e ofertas em favor do seu Colégio Diocesano de Lages.*

*Depois de uma despedida cordial do bom povo, continuamos a viagem, no terceiro dia, e passamos à costa da serra. Atravessamos o Morro da Igreja, monte que tem a forma de uma igreja, ponto culminante do Estado de Santa Catarina.*

*O caminho era muito pedregoso, o sol queimou-nos o rosto e a nuca. Com muita dificuldade os animais nos carregavam, e de quando em quando o burro relinchava. Frei Irineu, atormentado pela sede, suspirava, em vão, por água e perguntava-se, um tanto irritado, porque o meu burro relinchava. Respondi-lhe: Ele resmungava por muitas pedras e pouco pão... Então, devia rir-se cordialmente, apesar da indisposição constante. Em outras regiões acha-se de duas em duas horas um núcleo habitado; aqui, de duas a três horas uma casa. Enfim chegamos ao declive da Serra. Bem em baixo, nas colônias, está situada Urubici, local de nossa visita. Aí o céu estava azul. Mas à nossa direita, bem em baixo, para o lado do oceano, estendia-se um véu de neblina espessa. Aí estão as colônias alemãs e italianas de Orleães até Araranguá e estendia-se a costa do mar. Agora arrumamos as nossas selas, pois chegamos ao ponto onde a gente a gente põe as pernas nas orelhas da mula e a cabeça no rabo, tão íngreme é a descida. Muitos esperam, mas nosso Bispo ficou corajosamente montado. O perigo de despecnar nas pedras impediu qualquer conversa nesse caminho. Só quando estávamos em baixo recuperou-se o bom humor.*

*Quantas vezes atravessamos o Rio Canoas da direita para a esquerda. Lembrei-me do acontecido em tempos passados, quando cheguei aqui com dois padres franciscanos. Era noite. À beira da água, uma árvore clareada pela luz da lua. Subitamente um dos padres gritou assustado. Que tinha acontecido? O padre era míope e julgava ser um abismo escuro o local onde ele acabava de cair. Enfim, pelas 4,30 horas chegamos a Urubici. As autoridades de lá e das Águas Brancas já vieram de longe ao nosso encontro. O Sr. Bispo sentia-se muito cansado e indisposto pela cavalgada cansativa. Mas quando chegou perto de Urubici e viu numa pequena colina uma imponente cavalaria de mais de 600 homens, todos com lenços e bandeirinhas de cores, flutuando alegremente ao vento, desapareceu como relâmpago o cansaço. Entre vivas entusiasmados, que não queriam cessar, deu-se a recepção no povoado. À frente dessa*



*imponente cavalaria entrou o Bispo em Urubici. Esperava-o alegremente uma multidão enorme. Na praça pública houve uma homenagem, rodeada pelo clero e autoridades civis presentes. A cavalaria toda passou entre altos vivas, esquadrão por esquadrão, com seus pilotos e emblemas. Cada uma das capelas vizinhas mandou um esquadrão festivo. Assim estavam aí os esquadrões de Nossa Senhora, de São Francisco de Assis, cada turma com cores diferentes. O entusiasmo era indiscutivelmente grande. Os foguetes pipocavam sem cessar e depois tocava a música. Os olhos de todos brilhavam, os corações batiam de alegria, e assim também os do Senhor Bispo.*

*Enquanto S. Excia. se vestia dos paramentos episcopais todos apearam e amarraram os cavalos. Na procissão deviam formar alas com suas lanças enfeitadas. Depois, formaram a procissão para a igreja nova. Esta, apesar de ser uma das maiores da diocese, não podia receber a multidão do povo. Na saudação, S. Excia. expressou-se entusiasmado, pela recepção recebida tanto em Urubici como em Águas Brancas. Nunca havia esperado tanto. E quem sabe nunca mais haveria, para o futuro, recepção semelhante. Os dois dias em Urubici foram verdadeiros dias de alegria para todos. Grandioso era o interesse com que o bravo povo escutava as palestras do seu Bispo e impressionantes eram os discursos dele, feitos com voz harmoniosa e forte.”*

## Conclusão

Em texto nenhum da História da Diocese de Lages encontramos algum estudo sobre a situação econômica e social do povo do Planalto Catarinense por ocasião de sua criação. Pela situação da época, pode-se concluir que em toda a parte o povo é pobre. Isto se revela na dificuldade de constituir o próprio patrimônio de cem contos de reis que a Santa Sé exigia para a criação da diocese. Sem esse patrimônio, a diocese não conseguiria subsistir. A própria Comissão encarregada da organização: casa episcopal, terreno para o Seminário Diocesano e patrimônio, encontrou grandes dificuldades. Tanto assim que o patrimônio teve de ser conseguido através da Assembléia Legislativa. Em outro documento se diz que “as contribuições são angariadas esmolando de porta em porta, mas insuficientes para o patrimônio total”.

Fizemos um relato das crônicas das primeiras visitas pastorais, onde se vê a grande religiosidade do povo no Planalto Catarinense, bem como, amostras de sua criatividade artística nas cavalgadas de recepção. Quer dizer que o povo tem um profundo espírito religioso, resultado da



presença franciscana dos primeiros padres na região. O sentido religioso popular e da igreja cabocla está e esteve sempre presente na diocese. Este sempre foi um chão religioso na cultura deste povo da região serrana.

### Bibliografia

1. Arquivo histórico da Arquidiocese de Florianópolis.
2. Histórico da Diocese de Lages, Mons. Andreas Wiggers.
3. Guia Serrano, ano XVIII, 29.09.1954.
4. “Der Kompass” – Curityba, den 25. Oktober, 1929.

*Endereço do Autor:*

Rua...